



A POESIA FEMININA CABO-VERDIANA VIVE: RESISTINDO À PERSISTÊNCIA DE UM CÂNONE DE PERSPECTIVA MASCULINA

*THE CABO-VERDIAN FEMALE POETRY LIVES: RESISTING THE
PERSISTENCE OF A MALE PERSPECTIVE CANON*

*LA POESÍA FEMENINA CABO-VERDIANA VIVE: RESISTIENDO A LA
PERSISTENCIA DE UN CÁNON DE PERSPECTIVA MASCULINA*

Simone Caputo Gomes¹

RESUMO:

Panorama histórico sobre a poesia de autoria feminina no sistema literário cabo-verdiano: impasses e resistências. De Antónia Gertrudes Pusich a Vera Duarte.

PALAVRAS-CHAVE: Cabo Verde, poesia de autoria feminina, histórico, novas perspectivas.

ABSTRACT:

Historical panorama on the poetry of female authorship in the Cape Verdean literary system: impasses and resistances. From Antónia Gertrudes Pusich to Vera Duarte.

KEYWORDS: *Cape Verde, feminine author poetry, historical, new perspectives.*

RESUMEN:

Panorama histórico sobre la poesía de autoría femenina en el sistema literario caboverdiano: impasses y resistencias. De Antónia Gertrudes Pusich a Vera Duarte.

PALABRAS-CLAVE: *Cabo Verde, poesía de autoría femenina, histórico, nuevas perspectivas.*

¹ Professora de Literaturas Africanas da USP

E-mail: simonecaputog@usp.br



Imagens que reconheço mas que a câmara não captou como eu vi, como vejo ainda. Outro olhar. [...] Eu, a mulher, questionando os papéis que a sociedade me impõe. (Sara Almeida, 1993, p. 23 e 63)

Este artigo tem como motivação uma perplexidade: a constatação da insistência da crítica literária que produz antologias, nos séculos XX e XXI, em caminhar na contramão da crítica universitária que faz proliferar ensaios, dissertações e teses sobre a escritura cabo-verdiana de autoria feminina.

Apoiando-me em um relato histórico da inclusão e, na maioria das vezes, exclusão da participação feminina no percurso da Literatura Cabo-verdiana até então documentado, passo a explicar sucintamente as razões da minha perplexidade.

As antologias mais referidas pela crítica têm selecionado autoras com raras exceções, contando com alta percentagem de produção masculina. Em ensaios anteriores sobre a escritura de autoria feminina (que constitui uma de minhas linhas de pesquisa desde a década de 1990), já considerava como paradigmática desta tendência a *Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea*, de Baltasar Lopes (1960), com 100% de textos de autoria masculina. Jaime de Figueiredo, em 1961, dentre 20 poetas, dava relevo apenas a Yolanda Morazzo, fato que se repetirá em seleção posterior de Manuel Ferreira (1975), em *No reino de Caliban* (Yolanda Morazzo entre 39 poetas) e de Castro Segóvia, no *Panorama de la poésie du Cap-Vert* (1980). Os *Jogos Florais 12 de setembro de 1976* expõem 11 poetas, dentre os quais uma mulher, Vera Duarte.

Na década de 1980, a coletânea de poemas apresentados ao concurso do I Encontro de Jovens Escritores em São Vicente, 1981, contudo, é paritária: de 12 textos, 6 são de autoria feminina. Luis Romano, em *Contravento: antologia bilingue de poesia cabo-verdiana* (1986), seleciona 37 autores, mas apenas uma mulher, Maria José Cunha, com um poema bilingue de teor militante. Em 1988, Maria M. Ellen inclui, entre 36 poetas, 3 mulheres: Ana Júlia Sança, Yolanda Morazzo e Vera Duarte. Manuel Ferreira, em *50 poetas africanos* (1989), volta à perspectiva de Baltasar Lopes (1960), elencando uma totalidade de poetas do gênero masculino.

Este movimento de atração e retração no que toca à presença feminina persiste nas décadas posteriores.

Na década de 1990, confrontando duas publicações próximas, a antologia *Mirabilis: de veias ao sol*, organizada por José Luís Hopffer Cordeiro Almada (1991), apresenta 57 poetas cabo-verdianos revelados após 25 de abril de 1975, sendo 6 mulheres; e os dois volumes de entrevistas com escritores organizado por Michel Laban (1992) ressaltam apenas uma escritora, Orlanda Amarílis, entre 25 autores, num intervalo de mais de três décadas desde a antologia de

Baltasar Lopes, o que, entretanto, não chegou a alterar muito a dominância da ótica masculina no recorte do cânone.

Xosé Lois García contribui marcadamente para a visibilidade da autoria feminina com sua *Antologia da poesia feminina dos PALOP*, 1998, em que inclui 7 poetas cabo-verdianas. A brasileira Denira Rozário organiza, em 1999, *Palavra de poeta*, antologia com entrevistas, destacando, dentre 12 cabo-verdianos, 2 mulheres: Yolanda Morazzo e Vera Duarte; Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco, ainda em 1999, em sua *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX* (Volume 2: Cabo Verde), ressalta 44 autores, dos quais 4 mulheres: as já citadas Yolanda e Vera, além de Ana Júlia e Dina Salústio.

No nosso século, na antologia *Poesia africana de língua portuguesa* (2003), Livia Apa, Arlindo Barbeitos e Maria Alexandre Dáskalos, dentre 23 poetas, destacam 3 mulheres: Alzira Cabral, Dina Salústio e Vera Duarte. *Na liberdade* (2004), antologia poética comemorativa dos 30 anos do 25 de abril, em meio a 131 poetas (dos dois gêneros), apenas Vera Duarte comparece; Francisco Fontes reúne 32 poetas em *Destino de bai* (2008), sendo 9 mulheres (se forem incluídas as “improvisações visuais” de Elisa Schneble). *Portuguesia: contraantologia*, organizada pelo brasileiro Wilmar Silva em 2009, elenca, dentre poetas de vários países de língua portuguesa, 7 cabo-verdianos, sendo 2 mulheres: Vera Duarte e Vivianne Nascimento.

Mais próximos de nós, Frederick Williams, em *Poets of Cape Verde*, edição bilingue, apresenta, em 2010, textos de 35 poetas, sendo 4 mulheres. No mesmo ano, o brasileiro Carlos Alberto Faraco organiza um manual do professor voltado para o ensino médio (*Português: língua e cultura*), e inclui apenas 1 poeta de Cabo Verde: Vera Duarte. A coleção *Horizontes insulares*, de literatura e arte contemporânea, dirigida por Nilo Palenzuela (2010), elege também Vera Duarte como representante de Cabo Verde, com seus *Exercícios poéticos* traduzidos em espanhol e inglês. Ricardo Riso, em *Cabo Verde: antologia de poesia contemporânea* (2011), apresenta 13 autores, dentre os quais 6 mulheres.

Amosse Mucavele, em sua antologia poética *A arqueologia da palavra e a anatomia da língua* (2013), equipara as autorias feminina e masculina ao elencar 10 poetas de Cabo Verde, dentre outros de língua portuguesa. Silvino Lopes Évora, na *I Antologia dos poetas de Tarrafal de Santiago* (2014), ressalta 33 poetas, dos quais 5 mulheres; Érica Antunes Pereira, Maria de Fátima Fernandes e Simone Caputo Gomes, dos autores que figuram em *Cabo Verde: 100 poemas escolhidos* (2016), destacam 7 autoras; Helena Carvalhão Buescu e Inocência Mata referem apenas Vera Duarte em seus 2 volumes de *Literatura-mundo comparada: perspectivas em português* (2017); Rui Guilherme Silva e António de Névada incluem, respectivamente, 10 e 13 autores, em suas antologias de poesia *DiVersos* (2009) e *Poesia CV – Hoje, séc. XXI ?* (2018), e nenhuma mulher.

No Brasil, em 2019, Anita de Moraes e Vima Lia Martín selecionam poemas africanos em

língua portuguesa, cujo tema é o Brasil, destacando 1 poeta de Cabo Verde: Vera Duarte.

O que observo, num rápido olhar sobre este panorama, é a dominância evidente de uma escritura de produção masculina para o que se tem considerado como canônico, além de uma retração crescente no século XXI no olhar seletivo dos organizadores de antologias, um dos instrumentos indicativos do que se considera qualitativo para ser canonizado.

É claro que todo recorte do antologador é subjetivo, argumento que pode imediatamente ser evocado e que pode justificar as seleções apresentadas.

Contudo, desde a década de 1990 e, sobretudo, nesta virada para a segunda década do século XXI, obras de autoria feminina têm se destacado no panorama nacional e internacional, obtendo prêmios e visibilidade considerável em eventos, festivais e outros dispositivos legitimadores no campo literário. Vale, também por isso, lembrar alguns dados históricos dessa trajetória ascendente, que não repete o movimento de retração quanto à presença feminina observado nas duas antologias mais recentes.

A ressalva do organizador da antologia *Mirabilis* (1991), quando da apresentação do volume, demonstra consciência da “disparidade” que “emerge da condição sexual dos antologados” (e aqui faço uma ressalva teórica — do gênero social dos antologados), resumindo o que buscamos evidenciar: “Com efeito, a masculinidade é uma das características fundamentais da poesia escrita cabo-verdiana. Contrariamente à poesia oral [...], a presença feminina na poesia cabo-verdiana é bastante escassa” (p. 22).

Fazendo um retrospecto histórico para afirmar a necessidade de dar visibilidade cada vez maior à produção feminina (não tão “escassa” quanto se propala) na área das chamadas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa e, especialmente da Literatura Cabo-verdiana, trago à memória uma importante mulher nascida na ilha de São Nicolau, comumente esquecida da crítica, e que inaugura as chamadas publicações africanas (“ultramarinas”) em língua portuguesa, antes mesmo do surgimento do prelo (1842) nas colônias: Antónia Gertrudes Pusich (1805, S. Nicolau -1883, Lisboa). Cabo-verdiana, filha do Almirante António Pusich, de origem croata, primeira mulher a assumir a direção e propriedade de um periódico, fundando ainda três revistas, foi poeta colaboradora do *Almanach de lembranças luso-brasileiro* (a partir de 1854) e do *Almanach luso-africano*.

Frequentadora da galeria das senhoras na Câmara dos Deputados em Lisboa, Pusich interessava-se por participar na vida política, dedicando-se à luta para a erradicação do obscurantismo intelectual em que viviam as mulheres da segunda metade do século XIX, militando pela conveniência da instrução feminina e em prol das viúvas e desvalidos. Assim a descreve D. António da Costa, que lhe dedica o capítulo XII, parte segunda, da obra *A mulher em Portugal*:

Labutava por esse tempo em Lisboa uma senhora notável, talento muito flexível, compondo poemas, elegias, odes, fundando sucessivamente revistas úteis, *A Cruzada*, *A Beneficência*, *A Assembleia Literária*, escrevendo dramas, enchendo de artigos os jornaes [...] e advogando sempre a causa do fraco e do oprimido (1892, p. 305).

Uma investigação atenta à produção literária de cabo-verdianos espalhados pelas sete partidas do mundo deverá retomar, obrigatoriamente, o nome de Antónia Gertrudes Pusich porque, como ressalta o renomado investigador Manuel Ferreira, da lavra desta cabo-verdiana surge, provavelmente, “a mais antiga obra literária de um autor africano” (FERREIRA, 1977, p. 13), o poemeto “Elegia à memória das infelizes victimas assassinadas por Francisco de Mattos Lobo, na noute de 25 de junho de 1844 (sic)”, publicado em Lisboa. Ressalvamos que Ferreira data o poema de 1844, mas, na verdade, o texto se refere ao crime cometido por Francisco de Mattos Lobo em 25 de julho de 1841, sendo estes o mês e o ano prováveis da publicação da obra de Pusich; o filme realizado por Francisco Manso, “O último condenado à morte”, de 2009, alude à pena sofrida pelo assassino de toda uma família, enforcado a 17 de abril de 1842, drama retratado por Antónia Pusich.

Assim, embora se afirme nos manuais mais conhecidos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa que a publicação, em 1849, de *Espontaneidades da minha alma*, do angolano José da Silva Maia Ferreira, seja a primeira produção africana em Língua Portuguesa, a menção do trabalho de Antónia Pusich, intelectual que iniciou seus escritos literários e políticos por volta de 1841 e com publicações em jornais e revistas portuguesas, realizando ainda numerosas conferências e outras intervenções públicas, já nos incita a um resgate de textos invisíveis no cânone em seu atual estado da arte, publicados, inclusive, fora do arquipélago.

É ainda Antónia Gertrudes Pusich que funda e dirige, em 1849, em Lisboa, *A Assembleia literária*, periódico voltado para o sexo feminino e um marco na divulgação da escrita de mulheres, já que a partir dele os nomes das autoras (e não mais pseudônimos masculinos) passavam a constar regularmente junto aos respectivos artigos. Na senda de Pusich, numerosas mulheres vieram a destacar-se nos jornais literários, de moda, noticiosos ou políticos, o que representou o início de uma luta pela sua visibilidade e pelo seu reconhecimento para além do agregado familiar, no espaço público.

Se nos reportarmos ao século XIX, os “almanaques” constituíam um repositório ou “miscelânea” de estilos vários (literárias, científicas, recreativas, históricas, jornalísticas) e interessa-nos destacar aqui a presença de poetisas cabo-verdianas nestas miscelâneas.

No *Almanaque de lembranças luso-brasileiro 1851-1900* (volume 1), por exemplo, a poesia cabo-verdiana de autoria feminina é representada (por ordem cronológica de aparecimento) por Antónia Gertrudes Pusich, Emília dos Martyres Aguiar, Africana (Maria Luísa de Sena

Barcelos), Adelaide Maria das Neves, Ida Loff de Fonseca, Carlota Lopes, Adela Nobre Martins, Humilde Camponesa (Gertrudes Ferreira de Lima). Aurélia Telles é um caso a pesquisar, pois é pseudônimo de Alfredo Alberto Azevedo. A edição organizada por Gerald Moser, *Almanach de lembranças 1854-1932* (1988), acrescenta a estas poetisas “Uma desconhecida” e Maria Christina Rocha.

No *Almanach luso-africano*, dirigido pelo Cônego António Manuel da Costa Teixeira, volumes de 1895 e 1899 (TEIXEIRA, 2011 a, 2011 b), podemos verificar também a grande participação de Cabo Verde e o destaque à presença das “Collaboradoras” ou “Senhoras”. Na sua “Leitura Sociológica”, no Prólogo do volume para 1895, Alberto Carvalho ressalta que os textos literários do *Almanach* ainda são de formação, de “uma literatura em período nascente” (2011 a, p. 94), e “a poética literária tinha por função ser o que devia, em função da época e do contexto, arte expressiva, lúdica, exercício de mestria” (2011 a, p. 62), sem pretensões de realismo social. Maioritariamente oriundas de Cabo Verde, as Senhoras que compunham este *Almanach* acrescentam ao painel já recortado os nomes de Antónia da Costa, Maria da Costa, Esperança de Jesus, Obscura Paulense e “Uma Sertaneja”.

Pelo exposto, pode-se verificar que as poetisas acima elencadas são praticamente desconhecidas da crítica, mulheres invisíveis em seu labor, que merecem uma pesquisa aprofundada da significação de seus textos e de suas intervenções na formação da Literatura Cabo-verdiana e na constituição de seu cânone.

Na geração do *Suplemento Cultural*, Sílvia Crato Monteiro também não é referida pela crítica, apenas Yolanda Morazzo.

Mais próximas de nós, outras poetisas despontam, algumas com tímidas tentativas na Revista *Mujer* (da OMCV), outras com textos antologiadados em *Canto liberto* (1981) e *Mirabilis: de veias ao sol* (1991) ou com livro próprio: Alice Wahnon Ferro, Alícia Borges, Ana Julia Monteiro de Macedo Sança, Arcília Barreto, Dina Salústio (Bernardina Oliveira), Eleana Lima, Eunice Borges, Lara Araújo (ou Madalena Tavares), Lídia do Rosário, Luísa Chantre, MG’Nela, Manuela Fonseca, Margarida Moreira, Maria Guilhermina, Maria José da Cunha, Maria Lídia do Rosário, Nely, Paula Martins, Vera Duarte.

Assim, como sintetiza Benjamin Abdala Jr.: “À identidade da nação soma-se a do assim chamado gênero. Não se trata apenas de representar Cabo Verde, mas de construir a maneira de ser das mulheres cabo-verdianas” (ABDALA JR., 1999, p. 16). Sara Almeida, em *Depois telefone* (novela), também faz a sua opção de recorte da realidade: “Se eu quero conhecer o meu país, devo identificar o maior grupo a que pertence – as mulheres”. (ALMEIDA, 1993, p. 79)

Um dos temas preferidos de nossas pesquisas nas últimas décadas tem sido a emancipação da mulher cabo-verdiana, sua importância no desenvolvimento do país e sua contribuição para

a inserção de um outro olhar sobre o cânone literário de hegemonia masculina, com a assunção/revelação das subjetividades femininas, apesar de inúmeros obstáculos.

Sabemos que a alfabetização chegou tarde ao acesso das cabo-verdianas, recebendo incremento no pós-independência; é fato conhecido que, no arquipélago, grande número de famílias tem por chefe uma mulher, o que lhe toma grande parte do tempo e cuidado, restringindo-a ao espaço privado. Fatores econômicos, sociais, culturais e a maciça emigração masculina de longo histórico têm impactado a fragilidade da família, com consequente instabilidade da mulher (e dos filhos menores). Dados do último censo indicam que a maioria das famílias cabo-verdianas habita as zonas rurais, particularmente tocadas pela pobreza, apresentando ainda baixo nível de instrução, escolarização e formação profissional.

Por mais que se tenha empenho na promoção feminina, a situação de vantagem do homem em relação à mulher na sociedade crioula é patente, derivada das referências ideológicas e dos valores cultivados num passado histórico e num ordenamento jurídico não muito distante, que impunham a superioridade masculina.

Na mais recente publicação do Instituto Nacional de Estatística *Mulheres e homens em Cabo Verde – factos e números* (2017), o que os dados deixam perceber em relação às esferas do poder é que o desequilíbrio de gênero é ainda gritante, não se vislumbrando em nenhum setor algo que se aproxime da paridade. Observemos: 23.6% de mulheres para 76.4% de homens no parlamento; 29% de deputadas municipais para 71% de eleitos municipais; 0% de mulheres presidentes de Câmara Municipal para 100% de homens; 35% de mulheres líderes de empresas para 65% de homens chefes de empresas, ou 11.1% de dirigentes femininas de ONG e ACB contra 88.9% de masculinos.

Esse painel corrobora o que verificamos no campo literário no que se refere às aludidas antologias, quantidade de edições femininas, premiações, enfim, dispositivos legitimadores de um sistema: a vigência do discurso hegemônico de gênero.

Cabe, então, darmos destaques a poetisas vivas e em plena produção² (e visibilidade cada vez maior) como Vera Duarte, detentora de vários prêmios como o atribuído pela Organização das Mulheres de Cabo Verde (OMCV), o Norte-Sul dos Direitos Humanos do Conselho de Europa e o Tchicaya U Tam’Si de Poesia Africana, tendo poemas traduzidos em várias línguas como alemão, árabe, espanhol, francês, holandês, inglês, sueco (além de originais em língua cabo-verdiana e língua portuguesa), alguns musicados e também objeto de diálogo com jovens poetisas de Cabo Verde e do Brasil, que lhe dedicaram os livros *Dialogando com a escrita de Vera Duarte* (2015, Escola Secundária do Salineiro) e *Combinando palavras com Vera Duarte*

² Obras poéticas: *Amanhã amadrugada* (1993), *O arquipélago da paixão* (2001), *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (2005), *Ejercicios poéticos. Ejercicios poéticos. Ejercices poétiques* (2010), *De risos & lágrimas* (2018), *A reinvenção do mar: antologia poética* (2018).

(2014, Escola Estadual Otoniel Mota, Ribeirão Preto).

Outras se somam, como Artemisa Ferreira, Bernardina R. Alves, Carlota de Barros, Inestefânia Nogueira, Leopoldina Barreto, Madalena Brito Neves, Maria Helena Sato, Margarida Fontes, algumas com produção bilíngue (em português e em cabo-verdiano).

A produção em língua cabo-verdiana tem revelado poetas do grupo *Versus na Kriolu* (antologia, 2013) como Analina Rocha, Amália Faustino, Arlete Alana, Clénira Varela, Edmeia Semedo, Francisca Gomes, Indira Monteiro, Sabina Miranda e Zany Cabral, além de Misá (pintora e poeta, com livro publicado, *D'amor i di sentimento*, 2007).

Como facilmente se verifica desse apanhado histórico que ora elaboro, a invisibilidade da poesia (e da escritura) de autoria feminina é patente e tal fato merece reflexão e reversão.

Afirma Vera Duarte:

Sim
um outro mundo é possível
sem estupros mutilações ou sequestros
sem humilhações nem discriminações
sem açoites nem mortes prematuras. (DUARTE, 2013, p. 42)

Dina Salústio, nascida em Santo Antão, detentora dos prêmios de Tradução PEN Club England (2018) e Rosalia de Castro para a Literatura em Língua Portuguesa, Espanha (2016), já abordava um tema recorrente na história das mulheres de todo o mundo, a violência de gênero, no poema “Apanhar é ruim demais”:

Eram deuses contava-se
e diabos e loucos e tinham um altar
cheiravam a maresia a madeira verde
e desfiavam sonhos e liam sinas
nos cabelos sem dono ao amanhecer

Eram deuses e diabos contava-se
e perturbavam com seu canto
e ameaçavam o som aceite

Juntaram-se cordas e leis e facas
e afiaram-se línguas e palavras

Armaram-se cercos e armadilhas para os apanhar

Revolveram-se templos e bares

Praias e castelos

Os cães não ladraram

os anjos adormeceram

a lua se escondeu.

Os corpos fecharam-se e a ameaça cumpriu-se

nem deuses loucos ou demônios

Humanos apenas. Humanos amantes.

Uma mosca vomitou de náusea

o céu soluçou estrelas

as vagas cuspiram raiva

o vento envergonhado desfez -se em pó

A noite caiu e fez meu choro em pedaços.

Éramos eu e tu

dentro de mim.

Centenas de fantasmas compunham o espetáculo

E o medo

Todo o medo do mundo em câmara lenta nos meus olhos.

(SALÚSTIO. In: ALMADA, 1991, p. 157)

Vale a pena nos aprofundarmos na pesquisa do vasto material oferecido pelas escritoras cabo-verdianas, para aquilatar as denúncias de um patriarcalismo repressor e violento, além de inferir as refrações e resistências que suas perspectivas podem imprimir ao cânone marcadamente masculino.

O poema “Sinais”, de Vera Duarte, pode ser lido como uma proposta de olhar o cânone cabo-verdiano e a trajetória das mulheres de forma diversa com relação à hegemonia patriarcal:

Pelo tempo por que passei

deixei gravados os **meus sinais**

d'insurreição, revolta e rebeldia

e d'alegria para lá da dor [...]

d'escrava amarrada ao tronco

esperando a cruel chibata [...]
de triste esposa submissa
obedecendo ao rude senhor [...]
pelo tempo por que passar
deixarei gravados **outros sinais**.
(DUARTE, 2001, p. 57-58, grifos nossos)

Num poema panfletário, a poeta dá voz ao coletivo de mulheres:

Vieram todas
e vêm gritar
 porquê?

Elas escrevem
e ninguém nomeia
 porquê?

Elas governam
e ninguém reconhece
 porquê? [...]

Elas são mulheres
de todas as cores
de todos os credos
que sabem dizer ao poder
todos os poderes
o que querem

Chutando o balde
virando o jogo
cuidando das crias

buscando água
carregando a lenha
superando todas as tragédias

Mas também

parindo livros
sonhando poemas
construindo pontes
esculpindo artes. (DUARTE, 2018, p. 83-85)

Carlota de Barros, cabo-verdiana da ilha do Fogo radicada em Lisboa, licenciada em Literatura Germânica e autora de vários livros de poesia³, define — “Sou o que escrevo”:

Sou água e a lua a iluminar-me
escrevo o que sou e basta
sou o que escrevo água rio lua luar [...]
poema mulher. (BARROS, 2017, p. 75)

No poema “Mulheres”, homenagem à mulher cabo-verdiana, resume a trajetória desta heroína do cotidiano:

Eis
as mulheres
somos nós
meninas... moças...com passos de espuma
mãe... tias... avós...
esposas... amantes... amadas... mal amadas...
violentadas... queridas...
escravizadas... idolatradas... alienadas...
vendidas... poetizadas... abandonadas... endeusadas...
prostituídas
tanta vez por um prato de cachupa
para o filho...a mãe doente...
corpo fraco... esquecido
sem vida... sem brilho... cabeça baixa
mãos abandonadas no ventre vazio

³ *A ternura da água* (2000), *A minha alma corre em silêncio* (2003), *Sonhu sonhado. Sonho sonhado. Dreamt dream* (2010), *Na pedra do tempo* (2017).

Eis a mulheres...
estão aí todas
somos nós...
altivas... orgulhosas... frementes de amor...
tão confiantes... sorriso nos olhos
se amadas... respeitadas... livres... libertadas
Aí estão
resistentes... firmes... empenhadas... lutadoras. (2017, p. 103)

Essas poetas mulheres vão demarcando os “sinais” da longa caminhada feminina desde a restrição ao espaço privado até a conquista do espaço público na liberdade da escrita. Constroem, ao mesmo tempo, sua história e seu futuro: “A poesia escrita por mulheres/É profecia” (FONTES, 2013, p. 59). Tomando este mote, em sua obra *De Lírios* (2013), Margarida Fontes⁴, escritora e jornalista nascida na ilha do Fogo, complementa, em “Poeta que sou”:

Tem dias que estou radioactiva, átomo de versos,
bomba
Animal, às vezes de lasciva, outras vezes em toca
E troca.
Mulher, que dentro me passeia, em sua estranha prosa.
Poeta que se evade da matéria, em tanta pedra, sou
eu. (2013, p. 58)

Maria Helena Sato, cabo-verdiana de São Vicente formada em Letras e residente em São Paulo (Brasil), onde exerce a função de tradutora juramentada, conjuga em sua poética⁵ temas relativos à sua terra natal e meditações sobre a existência e a natureza, com fortes marcas de sua ascendência nipônica. Lança mão em suas obras, constantemente, da forma *haiku*, da qual é exímia cultora:

⁴ Participou na Antologia de poesia inédita cabo-verdiana *Destino de bai*, 2008, e na coletânea *Amar com Amor: poesia inédita de Cabo Verde e Portugal* (2008), ambas da ONG Saúde em Português. Em 2010 participou com poemas inéditos no livro *I Encontro de Poesia entre Mulheres, Espanha – Cabo Verde*, organizado pela Embaixada de Espanha em Cabo Verde; em 2013, de *A arqueologia da palavra e a anatomia da língua: antologia poética*, organizada por Amosse Mucavele.

⁵ Obras de poesia: *Bonsais e haicais*: poesia (2000), *Farol*: poesia cristã – meditação e contemplação (2002), *Presente do mar* (2003), *Caminho orvalhado* (2004), *Camaleoa*: poesia na cidade (2004), *Cristais* (2005), *Areias e ramas* (2006), *Faíscas*: poemas minimalistas (s.d.)

Bosque de kinkan
ante os olhos do imigrante
são sonhos dourados! (2000, p. 83)

Artemisa Ferreira⁶, cabo-verdiana da ilha de Santiago, especialista em Comunicação e realizadora cinematográfica, assume outra vertente da linguagem literária: à espiritualidade e subjetividade da poesia de Maria Helena Sato contrapõe a extrema corporalidade da linguagem, levando-a às últimas consequências, não raro recorrendo ao calão e ao vocabulário obscuro para expressar o ato amoroso e a diversidade no desejo feminino. Seu livro de poemas *Gruta abençoada* (2017) explode num erotismo amoroso ousado que se objetiva em cheiros, paladares, sensações táteis, hálitos:

Seja meu macho
transponha-me em alteza
conheça minhas fraquezas
em suspiro...
grito
os mais cultos dos prazeres que venero
deixe que o sacro-tônico derrame
na gruta abençoada. (FERREIRA, 2017, p. 37)

Ao texto que já se faz longo, imprimo uma pausa para reiterar, em coro com Vera Duarte e outras vozes femininas que aqui compareceram, que vale a pena imergir neste mundo ainda a desbravar que é a poesia cabo-verdiana de autoria feminina, tendo em mente o mote que preside esta produção: “busco um outro começo/construo um outro futuro.” (DUARTE, 2018, p. 18)

Referências:

AAVV. **Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea**. Selecção de Baltasar Lopes; introdução de Manuel Ferreira; comentários de A. A. Gonçalves. [s.l.]: Achamento de Cabo Verde: Henriquinas, 1960.

AAVV. **Jogos florais 12 de setembro 1976**. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco, [1976].

AAVV. **Canto liberto**. Praia: Edições Juventude, 1981.

⁶ Obras de poesia: *Desejo* (2009), *Gruta abençoada* (2017).

AAVV. *Across the Atlantic: anthology of Cape Verdean Literature*. ELLEN, Maria M. (Org.). North Dartmouth, Mass: Center for the Portuguese Speaking World Southeastern Massachusetts University, 1988.

AAVV. **Almanach de lembranças 1854-1932**: textos africanos. Compilador Gerald M. Moser. Linda-a-Velha: Edições ALAC, 1993.

AAVV. **Antologia da poesia feminina dos PALOP**. GARCÍA, Xosé Lois (Org.). Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1998.

AAVV. **Palavra de poeta: Cabo Verde e Angola**. ROZÁRIO, Denira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

AAVV. **Poesia africana de língua portuguesa**. APA, Livia Apa; BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandra (Org.). Rio de Janeiro: Lacerda, 2003.

AAVV. **Portuguesia: contraantologia**. SILVA, Wilmar (Org.). Belo Horizonte: Anome Livros, 2009.

AAVV. **Poets of Cape Verde: a bilingual selection**. WILLIAMS, Frederick G. Provo, Utah: Brigham Young University Studies; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro; Lisboa: Instituto Camões, 2010.

AAVV. **Almanaque de lembranças luso-brasileiro**: presença cabo-verdiana – 1851-1900 – V. I. Organização de Pédagogie, Cultures et Littératures Lusographes. Rennes; Praia: Pédagogie, Cultures et Littératures Lusographes; Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro; Ponto & Vírgula Edições, 2012.

AAVV. **O Brasil na poesia africana de língua portuguesa**. MORAES, Anita de; MARTÍN, Vima Lia (Org.). São Paulo: Kapulana, 2019.

ABDALA JR., Benjamin et alii. **Literatura e história**: três vozes de expressão portuguesa. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

ALMADA, José Luís Hopffer C. (Org.). **Mirabilis de veias ao sol**: antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

ALMEIDA, Sara. **Depois telefone**. Novela. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1993.

BARROS, Carlota de. **Na pedra do tempo**. Mindelo: Artiletra, 2017.

BUESCU, Helena; MATA, Inocência (Coord.). **Literatura-mundo comparada**: perspectivas em português. Lisboa: Tinta-da-China, 2017. 2 V.

COSTA, António da. **A mulher em Portugal**. Lisboa: Companhia Nacional, 1892.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In: **Estudos feministas**. UFRJ/CIEC, 2º semestre, 1994. p. 373-382.

DUARTE, Vera. **O arquipélago da paixão**. Mindelo: Artiletra, 2001. Prefácio de Simone Caputo Gomes.

DUARTE, Vera. **Ejercicios poéticos**. Edição em espanhol, francês e português. Coleção Horizontes Insulares. PALENZUELA, Nilo (DIR.). S. l.: Septenio, Gobierno de Canarias, 2010.

DUARTE, Vera. **A palavra e os dias**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

DUARTE, Vera. **De risos & lágrimas**. Praia: Livraria Pedro Cardoso, 2018.

ÉVORA, Silvino Lopes (org). **I antologia dos poetas de Tarrafal de Santiago**. Praia: Editorial Sotavento, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura**. 3. Série. Manual do Professor. 2.ed. Curitiba: Base editorial, 2010.

FERREIRA, Artemisia. **Gruta abençoada**: poesia. Praia: Livraria Pedro Cardoso, 2017.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. V.1.

FERREIRA, Manuel. **No reino de Caliban**: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa. Lisboa: Seara Nova, 1975. V. 1.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Venda Nova, Amadora: Livraria Bertrand, 1977.

FERREIRA, Manuel. **50 poetas africanos**. Lisboa: Plátano, 1989.

FIGUEIREDO, Jaime (org). **Modernos poetas caboverdianos**: antologia. Praia: Edições Henriquinas Achamento de Cabo Verde, 1961.

FONTES, Francisco. **Destino de bai**: antologia de poesia inédita cabo-verdiana. Coimbra: Saúde em Português, 2008.

FONTES, Margarida. **De lírios**. Lisboa: Edições Almedina, 2013.

GOMES, Crispina. **Mulher e poder**: o caso de Cabo Verde. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2011.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**: literatura em chão de cultura. S. Paulo; Praia: Ateliê Editorial; UNEMAT; Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde, 2008.

GOMES, Simone Caputo; PEREIRA, Érica Antunes; FERNANDES, Maria de Fátima. **Cabo Verde**: 100 poemas escolhidos. Praia: Pedro Cardoso Livraria, 2016.

LABAN, Michel. **Cabo Verde**: encontro com escritores. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1992. 2 V.

MUCAVELE, Amosse (Org.). **A arqueologia da palavra e a anatomia da língua**: antologia poética. Prefácio de Paulo Seben de Azevedo. 1.ed. Maputo: Revista Literatas, 2013.

MULHERES E HOMENS EM CABO VERDE – factos e números. Praia: Instituto Nacional de Estatística; Instituto Caboverdiano para a Igualdade e Equidade de Género, 2017.

NÉVADA, António de. **Atlântida. Revista de Cultura**. Poesia CV – Hoje, séc. XXI? Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2018. V. LXIII.

RISO, Ricardo. **Cabo Verde: antologia de poesia contemporânea**. Disponível em: **Revista África e Africanidades** - Ano IV - n. 13 – maio, 2011. <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/ANTOLOGIA-CABO-VERDE.pdf>. Acesso em junho de 2019.

ROMANO, Luis (org). **Contravento**: antologia bilíngue de poesia cabo-verdiana. [Tauton – Mass.]: Atlantic Publishers, 1982.

SATO, Maria Helena. **Bonsais e haicais**: poesia. Monte Mor: {Autor}, 2000.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. De cânticos, rosas e desesperanças: algumas reflexões sobre a poesia em Cabo Verde no período da pós-independência. In: **Via Atlântica**, 10. São Paulo: USP, 2006, p. 43-57.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX**. V. 2: Cabo Verde. Rio e Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, 1999.

SEGÓVIA, J. Castro. **Panorama de la poésie du Cap-Vert**. Impaza: Université Nationale du Zaïre, 1980.

SILVA, Rui Guilherme (org). **DiVersos: poesia e tradução (26)**. *Águas Santas: J. C. Costa Marques*, 2009.

SILVA, Sara Alexandra Patrício e. **Como construir uma literatura nacional**: as antologias “henriquinas” de Baltasar Lopes e Jaime Figueiredo e a produção do cânone da literatura cabo-verdiana. Coimbra: Faculdade de Letras, 2011. (Dissertação de Mestrado).

TEIXEIRA, António Manuel da Costa (director). **Almanach luso-africano ilustrado para 1895**. Organização de João Lopes Filho e Alberto Carvalho. Coimbra: Edições Almedina, 2011a.

TEIXEIRA, António Manuel da Costa (director). **Almanach luso-africano ilustrado para 1899**. Organização de João Lopes Filho e Alberto Carvalho. Coimbra: Edições Almedina, 2011b.

VELHOTE, Jorge; SAIÃO, Nicolau; REBOCHO, Nuno. **Na liberdade: antologia poética 30 anos – 25 de Abril**. *Peso da Régua: Garça Editores*, 2004.